

*¡Gent adīablada!*: uma síntese monográfica sobre o Diabo, os marginalizados e as práticas sociais desviantes nos *Milagros de Nuestra Señora* de Berceo.

Thalles Braga Rezende Lins da Silva \*

De acordo com a historiografia, a sociedade medieval em geral passou por um momento de expansão e revitalização durante a Idade Média Central (séculos XI-XIII). Nesse período, ocorreu um significativo crescimento populacional que, sem alterar o caráter rural da população medieval, revitalizou demograficamente os centros urbanos.

Nesses centros surgiram ou passaram a se destacar novos agentes sociais, fundamentais para o atendimento das demandas das novas relações sociais que começaram a se desenvolver entre a maior quantidade de pessoas que viviam nas cidades. Por exemplo, as proto-corporações de ofícios, os chamados burgueses (mercadores e/ou usurários), os universitários e os mendicantes. Como se percebe, nessas breves linhas gerais, as mudanças foram muitas e em muitos sentidos.

A Cúria Romana tentou estabelecer mecanismos de regulação para estas novas relações sociais. E aqueles que opuseram alguma resistência, não raro acabavam por ser apartados da sociedade, sendo considerados marginais.<sup>1</sup> Algumas das medidas tomadas pela Igreja foram a centralização do culto católico em torno da liturgia romana, a reafirmação da moral monástica e a criação das ordens franciscana e dominicana, voltadas totalmente para a pregação e atividade nas cidades. Com isso, tentava fazer frente aos movimentos heréticos e às iniciativas populares de uma vida religiosa nos moldes neotestamentários. Tais determinações podem ser encontradas nos cânones do IV Concílio de Latrão.

No contexto de transformação e regulamentação social do século XIII, as hagiografias<sup>2</sup> foram usadas expansivamente como ferramenta moral e didática

---

\* Bolsista CAPES e Mestrando do Programa de Pós-graduação em História Comparada e do Programa de Estudos Medievais da UFRJ.

<sup>1</sup> Na sociedade medieval, podemos considerar marginal todo aquele que não se enquadra em um dos padrões estabelecidos dentro da ortodoxia cristã, seja por motivos religiosos, de doença ou de anormalidade corporal, de identidade, de contrariedade à natureza, de estabilidade física e social e de trabalho (Cf. LE GOFF, **O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval**. Lisboa: Edições 70, 1985, p.179-181).

<sup>2</sup> Palavra de origem grega (hagio = santo; grafia = escrita), usada desde o século XVII, para classificar os textos medievais, cujos temas centrais são os santos e/ou seu culto, ou o estudo crítico que se faz dessas temáticas, usando esses documentos como principais fontes.

direcionada tanto ao clero quanto aos leigos.<sup>3</sup> Em tal tipo de literatura, pode-se encontrar o Diabo sendo associado aos grupos marginalizados ou às práticas sociais condenadas pelos poderes eclesiásticos do período. Sendo assim, a meta principal desta pesquisa foi a compreensão da articulação entre as representações<sup>4</sup> do Diabo, que são apresentadas nestes textos, com os grupos marginalizados e práticas sociais condenadas pela Igreja castelhana do século XIII.

Para, dentro do referido recorte espaço-temporal, tentar cumprir os objetivos citados, a análise recaiu sobre a hagiografia medieval conhecida como *Los Milagros de Nuestra Señora* (Mil), composta em La Rioja, Castela.

O autor desta obra é Gonzalo de Berceo (c.a. 1196-1264),<sup>5</sup> também riojano. Não existem informações sobre sua família, exceto que ele possuía um irmão. Berceo iniciou seus estudos no mosteiro beneditino de San Millán de la Cogolla, situado em La Rioja Alta, ao sul de Nájera, onde foi criado. Gonzalo manteve vínculos ao longo de toda sua vida com esta casa e a de San Domingos de Silos. Contudo, nunca fez votos como monge, sendo ordenado clérigo secular, tornando-se diácono em 1221 e sacerdote em 1237. Há também vários indícios<sup>6</sup> de que Gonzalo cursou os *Estudios Generales* da Universidade de Palência.<sup>7</sup>

Os Mil foram escritos em verso, em dialeto riojano, também no Mosteiro de San Millán e/ou na Paróquia da Berceo. A data mais provável de sua conclusão é por

<sup>3</sup> As hagiografias do período, sobretudo na Península Ibérica, possuíam certamente outros fins. É notório, contudo, o aumento da produção dessa literatura, com grande parte das suas temáticas voltadas para as vidas de santo (*exempla*) e para o culto a Maria, que na qualidade de esposa/mãe de Cristo é identificada com a própria Igreja como instituição (Cf. SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. (Coord.). **Banco de dados das hagiografias ibéricas. (Séculos XI ao XIII)**. Rio de Janeiro: PEM, 2009, Coleção Hagiografia e História, v. 1. Disponível em: <http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/hh1.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2010, p.169-170).

<sup>4</sup> Inserindo a pesquisa no campo da História Cultural, pela perspectiva de Roger Chartier, para quem ela tem o objetivo de “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler, etc”. Assim também, representações “são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza” (Cf. CHARTIER, Roger. **A História Cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 2002, p.17).

<sup>5</sup> Outros documentos medievais de sua autoria: *Hinos, Vida de San Millán de la Cogolla, Vida de Santa Oria, Vida de Santo Domingo de Silos, Martirio de San Lorenzo, Duelo de la Virgen e Loores de Nuestra Señora*.

<sup>6</sup> Usamos o termo indícios porque esta matéria ainda deixa algumas incertezas. Mas um destes indícios é que as obras de Berceo fazem parte de um conjunto de textos contemporâneos, com o mesmo estilo/técnica literária, conhecido como *Mester de Clerecía*. Sua origem não teria sido um ambiente monástico, mas sim universitário e urbano. Este seria justamente a universidade palentina, que apesar de ter tido uma curta duração (não mais que um século), destacou-se no ensino da gramática.

<sup>7</sup> Sobre as universidades medievais consultar LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1995, VERGER, Jacques. *As Universidades na Idade Média*. São Paulo: UNESP, 1990 e \_\_\_\_\_. *Homens e Saber na Idade Média*. São Paulo: EDUSC, 1999.

volta de 1253.<sup>8</sup> Estão divididos em um poema introdutório sobre Maria, sucedido por outros 25, cada um contendo uma narrativa completa e breve de um milagre. Estilisticamente, os Mil foram redigidos através da técnica de amplificação, isto é, a expansão de certos trechos, de uma ou mais versões latinas anteriores, permitindo que o autor aplicasse nestes pontos sua criatividade. Dessa forma, eles são uma versão, uma atualização, para o século XIII, de representações anteriores de práticas culturais cristãs.

Todos os poemas seguem uma estrutura narrativa comum, que é a seguinte:

1. Situação inicial, quando uma personagem humana se encontra em um estado de vida reto, exceto por um motivo, que é o pecado gerador de todo o enredo;

2. Intervenção externa do Diabo, de forma direta ou indireta, devido à falha inicial da personagem humana;

3. Fase de anticlímax, na qual a personagem fica totalmente alijada de Deus;

4. Intervenção da Virgem, às vezes com a ajuda de Jesus, de outro santo ou dos anjos.

5. Finalmente, o retorno a um estado virtuoso de vida, superior ao inicial pela sua perfeição e impacto que tem no ambiente ao seu redor. À exceção do milagre XVI - *El niño judío*, no qual não ocorre a redenção final, por se tratar de um pecador judeu, ou seja, não-cristão.

Os Mil são uma hagiografia medieval classificada como texto mariológico,<sup>9</sup> que não é nada mais do que uma hagiografia protagonizada pela Virgem Maria. Na Península Ibérica, o culto mariano esteve presente desde a época visigótica. Idelfonso de Toledo, personagem do primeiro poema dos Mil, escreveu um famoso tratado em defesa da virgindade de Maria ainda no século VII.<sup>10</sup> No Monastério de

<sup>8</sup> Tendo sido iniciada ainda em 1246, especula-se que somente depois de 1252 foi acrescentado à obra o milagre XXV – *La Iglesia Robada*, último poema da composição e também último a ser escrito (Cf. DUTTON, Brian. *The Chronology of the Works of Gonzalo de Berceo*. In: HAMILTON, Rita. **Medieval Hispanic Studies Presented to Rita Hamilton**. London: Tamesis, 1976. p. 67-76).

<sup>9</sup> Versões dos milagres marianos foram escritas ao longo de toda a Idade Média, difundindo-se por onde hoje seriam as atuais Espanha, França, Inglaterra, Itália e Alemanha. Cf. CACHO BLECUA, J. M. **Genero y composición de lo “Milagros de Nuestra Señora” de Gonzalo de Berceo**. Disponível em: <http://www.vallenajerilla.com/berceo/cachoblecua/generoycomposicionmilagrosberceo.htm>. Acesso em: 23 mar. 2010.

<sup>10</sup> Foi ao longo da Idade Média que muito da teologia mariana se consolidou. Por exemplo, as discussões a respeito da concepção, da sua maternidade e da sua virgindade, entre outras. Maria como esposa e mãe de Cristo, mediadora e salvadora dos homens no contato com Deus acaba por ser confundida com a própria Igreja, como instituição. Esse processo se iniciou nos séculos II ao V, mantendo-se aparentemente estagnado até os séculos XII e XIII, quando é grandemente expandido

*San Millán*, as relíquias do santo padroeiro eram preservadas em um altar destinado à Maria.

Essa vinculação não tinha apenas motivos religiosos, mas também econômicos. No século XIII, a época de auge do mosteiro de San Millán já havia passado e ele enfrentava problemas financeiros. Este cenóbio era um ponto de parada em uma das rotas de peregrinação para Santiago de Compostela, essa localização fazia com que passassem pelo mosteiro pessoas de todos os grupos sociais e de muitas localidades. Frente a tamanho público, as hagiografias que veiculavam as vidas dos santos locais ou milagres ocorridos na região de um mosteiro, ampliavam o número de fiéis e, conseqüentemente, o prestígio e a arrecadação de bens (doações). Estando os Mil escritos em vernáculo, é bem provável que ele também fosse destinado a leituras públicas, o que só reforçaria ainda mais seu caráter propagandístico.

Berceo não confronta em nenhum momento a ortodoxia referente aos pontos centrais da piedade mariana. Pelo contrário, ressalta a sua pureza, o seu caráter materno (de Cristo, conseqüentemente de Deus e da humanidade), e a sua função de advogada dos homens, que defende de acordo com a fé e as obras de cada um. É importante observar que na mariologia berceana os papéis de mãe piedosa e intercessora se confundem. Não raro a fé de um devoto, ou mesmo só a devoção e reverência aparentemente externas, são mais importantes para sua salvação, nos critérios de Maria, do que o peso de suas boas obras ou pecados.

Nos Mil, pode-se encontrar o Diabo como um dos principais antagonistas das potências divinas. Ao mesmo tempo, ele é associado com os marginalizados e práticas sociais desviantes, por estes serem considerados um incômodo ou uma ameaça. Durante a Idade Média, consideravam-se coincidentes os corpos sociais político e religioso, amalgamados sob a noção de *Cristandade*, que ocupava o lugar do que hoje chamamos de humanidade. Portanto, qualquer um que se levantasse contra os planos de Deus era uma ameaça potencial para a sociedade temporal e vice-versa.

O Diabo, nesse contexto, seria uma metáfora para o Mal, cujas características

---

pelos monges beneditinos de Cluny e Císter. Sobretudo no século XII, com São Bernardo de Claraval, influente abade cisterciense, a natureza humana de Maria é ressaltada e usada como argumento para seu papel de principal advogada da humanidade. Assim, a fé e devoção a ela e seus desígnios, bem como na Igreja, seriam nesse discurso o caminho mais seguro para a salvação (Cf. BASCHET, Jérôme. *A civilização Feudal: do ano 1000 à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006; e BERLIOZ, Jacques et all. *Monges e religiosos na Idade Média*. Lisboa: Terramar, 1996).

comporiam o arquétipo de um anti-modelo, isto é, um contraste frente a Cristo, à Virgem (sua adversária mais proeminente) e aos santos, como uma cartilha de como não proceder.<sup>11</sup> Esquivamente definido na tradição cristã quanto à sua forma e à atribuição dos seus poderes, seja na teologia, na literatura ou nas artes plásticas, o Diabo funcionava como uma espécie de máscara sem rosto, que poderia ser imposta a qualquer pessoa ou grupo que afrontasse o *status quo*; ou seja, era visto como o outro indesejado.<sup>12</sup> O processo de *demonização* desses indivíduos ou grupos seguia um padrão repetitivo, geralmente com a ortodoxia atribuindo-lhes práticas religiosas, quase sempre inverossímeis, que ultrapassavam os limites da sexualidade, violência e legitimidade aceitas no seio da sociedade.<sup>13</sup>

A palavra Satã, que significa adversário em hebraico, designa, no Antigo Testamento, apenas uma entidade submetida a Deus e parte da sua “corte celestial”, que vaga pelo mundo, desempenhando ora a função de acusador ora a de carrasco da humanidade. Contudo, devido ao Deus do Antigo Testamento ser na maioria das vezes o responsável pela punição dos homens, Satã ainda não possui nada de personificação do Mal. Ele é apenas alguém que cumpre seu trabalho, mesmo que ele não seja visto com bons olhos.

Com o Novo Testamento e os primeiros séculos do cristianismo, Deus começa a ser esvaziado de qualquer mal que a humanidade sofra ou ocorra no universo, porém esse mal precisa ser transferido para alguém. Há duas possibilidades para isso. Uma delas seria a punição aos homens pela culpa dos seus próprios pecados, logo Deus não seria mal, apenas justo. A outra deposita em Satã a culpabilização pelos males do mundo, apoiando-se fundamentalmente em uma tradição extra-bíblica.<sup>14</sup> Dessa maneira, o Satã veterotestamentário bom funcionário é confundido com o Adversário neotestamentário de Jesus, e nas tradições das Escrituras para o grego passa a ser chamado de *Diabolus*, ou Diabo. A partir daí um processo contínuo de justaposições de influências as mais distintas foram amalgamadas a Satã. Por exemplo, a aparência de vários deuses pagãos. Ou o nome latino da Estrela da Manhã (Vênus), Lúcifer, devido a uma interpretação bíblica associando a passagem de Isaías 14 à queda do Dragão e de um terço das Estrelas do Céu do Apocalipse de São João.

---

<sup>11</sup> RUSSELL, Jeffrey Burton. *Lúcifer: o Diabo na Idade Média*. São Paulo: Madras, 2003.

<sup>12</sup> LINK, Luther. *O Diabo. A máscara sem rosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>13</sup> STANFORD, Peter. *O Diabo – Uma Biografia*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.

<sup>14</sup> KELLY, Henry Ansgar. *Satã – uma Biografia*. São Paulo: Globo, 2008.

Entretanto, é por meio de Agostinho e Tomás de Aquino que são lançadas as bases fundamentais para a interpretação básica do que é Satã para a ortodoxia que vigora até hoje. O Diabo seria um anjo rebelde decaído condenado a vagar pela terra e/ou habitar o Inferno até o dia do Juízo final. Ele tem existência real – ainda que o Mal que personifica não, já que este não existe na Criação, porque como obra completa de Deus ela é boa. A imperfeição ou mal seriam inexistências, afastamento de Deus. Apesar de estar quase que em uma posição oposta a Deus (quase, porque se fosse totalmente não existiria), o Diabo não representa uma ameaça. Isso porque, para assegurar o monoteísmo do cristianismo, a ortodoxia concedeu poderes ao Diabo, mas sempre deixou claro que Deus era o único e verdadeiro poder do universo.<sup>15</sup>

O rol de pontos importantes a serem abordados sobre o Diabo são praticamente os mesmos, contudo isto não chega a ser surpreendente, tendo em vista que parece haver um consenso sobre este conjunto entre seus estudiosos. Estes pontos seriam a queda, seus poderes e funções, aparência, traços de personalidade e papel que desempenha como personagem. Também parece existir uma unanimidade nas interpretações destes pontos principais no caso das representações em geral de Lúcifer e do Satã berceano.

Sintetizando a bibliografia sobre este último, os pontos comuns são que Satã desempenharia um papel claro, intencionalmente determinado por Gonzalo de Berceo. Ou seja, incentivar o culto à Virgem Maria, por ser ela a figura que sempre vence a aterradora figura do inimigo mortal e leva à obediência à Igreja e seus mandamentos. Todas as análises são balizadas por considerações sobre a vida do autor ou de suas intenções, e quando se sugere que ele acompanha alguma tendência intelectual medieval, isso é feito com o objetivo de enquadrá-lo em um grupo de grandes pensadores.

Somente superficialmente, ou insatisfatoriamente, é feita alguma relação com a história da Idade Média Central, mesmo assim, apenas no sentido do impacto da obra berceana na sociedade. Quando se trata do sentido contrário, ou seja, da influência do contexto social no trabalho do poeta, comenta-se apenas uma abertura de Berceo a certa comicidade esporádica que viria da cultura popular, a qual não é especificada claramente. Todavia, essa comicidade só serve para atender os planos

---

<sup>15</sup> Para mais detalhes consultar: RUSSELL, op. cit. E STANFORD, op. cit.

didáticos de Berceo, não significando nenhuma pressão social sobre a Igreja, ou demanda maior da sociedade riojana.<sup>16</sup>

Assim, justamente para responder a esta lacuna deixada pela historiografia, foram feitas as análises de três milagres nos quais Satã possui uma participação maior, os de números VIII, XX e XV. Por se tratarem de alguns dos maiores poemas do documento, são apresentados aqui resumidamente, com comentários sobre as passagens de maior relevância.

No milagre número VIII – El Romero de Santiago, Berceo se firma na autoridade de uma figura passada, São Hugo Abade de Cluny, e evoca, ao longo do texto, a forma correta de proceder de acordo com as prescrições monásticas.

O relato é sobre um romeiro do Caminho de Santiago de Compostela chamado Geraldo (Guiralt, no original), homem solteiro que gostava de fazer “*follía e pecado*”. Um dia, ele resolve empreender a peregrinação, porém, negligenciando as recomendações eclesíásticas de passar a noite anterior ao início da viagem em vigília (rezando), deita-se com uma de suas companheiras de romaria, partindo manchado por esta “mala hortiga”, sem tomar a penitência prevista.

Ainda no começo da viagem, o Diabo transfigurado em Santiago aparece para Geraldo. Acusa-o de seu crime dizendo que sua situação desagradaria à Virgem Maria. Geraldo, implorando pela pena prescrita pelos abades, é enganado por Satã e coagido a se castrar e depois se matar cortando sua própria garganta como reparação pelo seu pecado. Seu cadáver é achado pelos companheiros de romaria, mas não encontrando sinais de luta ou assalto, eles o abandonam, temendo serem culpados pela sua morte.

A alma de Geraldo é recolhida por demônios para ser levada ao Inferno, tendo em vista que esse é o destino dos suicidas, “*de Judas hermanos*”. Entretanto, eis que surge o verdadeiro Santiago para proteger seu romeiro, alegando que os demônios não possuem direito algum sobre a alma de Geraldo, porque este foi ludibriado em suas ações. Segundo o santo, Geraldo só fez o que fez por acreditar que tratava diretamente com ele.

---

<sup>16</sup> Os trabalhos incluídos nesta breve revisão bibliográfica foram: BAEYENS DE ARCE, Alberto. El mortal Enemigo: el Diablo en la obra de Gonzalo de Berceo. **Memorabilia: Boletín de Literatura Sapiencial**, València, Número 6, 2002; FIDALGO LARRAGA, Raquel. El diablo en los Milagros de Berceo. **Memorabilia: Boletín de Literatura Sapiencial**, n. 6, 2002; RODRÍGUEZ HERNÁNDEZ, Juan Pedro. El Diablo en “Los Milagros de Nuestra Señora” de Gonzalo de Berceo. **Espacio, Tiempo y Forma**, Serie III, t. 17, p.519-532, 2004; e RUIZ DOMÍNGUEZ, Juan Antonio. **El mundo espiritual de Gonzalo de Berceo**. Logroño: Gobierno de la Rioja, Instituto de Estudios Riojanos, 1999. (Colección Centro de Estudios Gonzalo de Berceo: 17).

Santiago inicia um debate com os demônios, tratando diretamente com um deles, que toma a frente da defesa da sua causa. Esse demônio, em um primeiro momento nada mais é do que um entre muitos, mas logo depois do início da querela começa a ser tratado como se fosse o Diabo. Não conseguindo resolver o impasse, ambos apelam para o julgamento de Maria, qualificada como gloriosa e rainha.

A sentença que Maria outorga, em nome de Deus, é que a alma do peregrino retorne ao corpo para que cumpra sua penitência adequadamente. Isto representa uma derrota e uma punição para o Diabo e seus demônios, porque eles falharam no seu intento de levar Geraldo para o Inferno.

Geraldo ressuscita, porém não incólume, fica com uma cicatriz fina na garganta e permanece castrado. Porém, muda completamente de vida, pois após terminar a romaria ingressa no mosteiro de Cluny, onde conhece São Hugo e lhe conta sua história. Tanto em Compostela, onde registram a experiência de Geraldo, quanto na terra natal deste, que presume-se seja a França, ele atraía as pessoas para vê-lo.

Geraldo terminou seus dias em Cluny, levando vida reta desde os acontecimentos milagrosos.

Antes da aparição do Diabo, nada leva a crer que existiu um motivo externo que induzisse Geraldo a pecar: “E es el diablo fino de mal sosacador.” O Diabo cobra a punição pelo mal e só foi até Geraldo porque este já havia pecado.

Satã não possui nenhuma característica física expressa por Berceo, exceto pela sua capacidade de polimorfia. São ressaltadas as nuances de sua personalidade, enfatizando-se sua capacidade de manipulação e perfídia, o que sugere a preocupação maior com um arquétipo discursivo. Ele e seus demônios não contrariam a ordem de Deus. Pelo contrário, cumprem um papel bem estabelecido, tentando e punindo os maus, embora, às vezes, possam gerar certo caos devido a seus métodos.

Não foi Santiago que resgatou o seu peregrino, mas Maria. Isto pode ser explicado pelo local e o período de redação dos Mil. A intenção não é diminuir a figura de Santiago, até porque este foi ao socorro do peregrino, mas sim afirmar a autoridade e poderes concedidos por Deus à Maria.

Nesse milagre, pode-se observar claramente o intuito didático berceano, direcionado a um público alvo que variava dos religiosos monásticos até as camadas mais populares da sociedade. Basta notar que as regulações sobre a conduta sexual



e religiosa são todas feitas sob as autoridades dos abades e que o exemplo de redenção dado é a de transformação de um solteiro leigo pecador em um monge tão casto que é literalmente castrado!

No milagre de número XX – *El monje borracho*, Berceo narra, em 38 estrofes, a aventura de um monge que, apesar de sua grande devoção à Virgem, acabou sendo disputado por ela e pelo Diabo, por causa do seu vício, o alcoolismo, e de sua luxúria.

Berceo inicia o relato apresentando um monge de identidade indefinida, o qual o Diabo quis espantar, embora a Virgem tenha conseguido salvá-lo. Tal monge era devoto de Maria, respeitando a castidade, tendo como único vício a bebida. Certo dia, ele se embriagou com vinho em uma taverna, perdendo o juízo e “yogando” até tarde da noite. O verbo “yogar” pode designar festa, no sentido de farra, contudo Berceo o usa frequentemente para designar relações sexuais, sentido ainda aceito pela língua espanhola.<sup>17</sup>

Recobrando-se um pouco, apesar de tonto, o monge voltou para a clausura, onde seus companheiros perceberam que ele estava embriagado. Em seguida, mesmo sem firmeza nas pernas, dirigiu-se à capela para adorar a Virgem, pois era seu costume fazê-lo. Esta foi a deixa para o Diabo entrar em cena, porque ele queria impedi-lo de lá chegar e facilmente lhe tomou a dianteira.

Berceo qualifica Satã de “traidor provado”, contando que primeiro ele assumiu a forma de um touro bravo, pronto para atacar. Nesta forma, seus atributos são a ira, sanha e ferocidade dos chifres. O touro diabólico atacou fisicamente o monge, tentando chifrá-lo nas entranhas, porém este só tomou um susto. A Virgem, toda ornada, se interpôs entre o monge e Satã. Ela amansou a fera, usando a saia para tourear-lhe, fazendo lhe cair e chorar devido ao tombo. Rende-se graças a Deus, pelo monge ter ficado em paz.

Mas antes que ele chegasse aos degraus do prédio, novamente foi atacado pelo Diabo, desta vez como um cão, mordendo-o e ferindo-o. O cão estava com os dentes arreganhados e com os olhos injetados de fúria. Berceo detalha que o monge foi despedaçado nos lados do corpo e nas costas devido às mordidas. O monge se considerou merecedor destes castigos, porque julgava que suas faltas foram graves. Já estava convencido de que morreria feito em pedaços, porém mais uma vez a

---

<sup>17</sup> REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua española**. Vigésima segunda edición. Disponível em: <http://www.rae.es/rae.html>. Acesso em: 11 dez. 2009.

Virgem o salvou.

Finalmente, diante da igreja, ele foi atacado pelo Diabo em forma de leão. Este é tido pelo narrador e pelo monge como uma fera provada. Na iminência de ser devorado, o religioso maldisse seu pecado e apelou à Maria. Esta, que é chamada de mãe, o salva, mesmo que o narrador ressalte que dificilmente o religioso fosse capaz de cumprir suas palavras de arrependimento. Contudo, nesse poema, sua função não é a de consoladora, atuando como uma verdadeira vingadora da humanidade. Com um pau, feriu o leão, acusando-o de premeditação do mal e persistência no erro de investir contra o monge. Exigiu que ele parasse de persegui-lo, escorraçando o Demônio com uma grande surra de pauladas, cuja comicidade e humilhação são enfatizadas por Berceo. No último diálogo entre o Diabo e Maria, a dicotomia entre eles é relembada. Maria é chamada de boa, enquanto o Diabo é o falso traidor e senhor do mal.

O Diabo nunca mais ousou escarnecer do monge, só se retirando depois de se curar dos ferimentos e ser dispensado pela Virgem. O narrador sublinha que, após o ocorrido, o religioso nunca mais bebeu.

Em seguida, Maria pôs o monge na cama, desta vez com o sentimento de ternura da maternidade, tranquilizando-o e abençoando-o. Ordenou, ainda, que este se confessasse com um “homem bom”, que lhe imputaria a justa penitência.

Quando a Virgem foi indagada pelo monge sobre sua identidade, ela a revelou com orgulho. O monge então lhe pediu que ficasse um pouco mais, para que ele lhe lavasse os pés, um ritual de humildade e subserviência contido no Novo Testamento. Mas ela negou, alegando que precisava cumprir sua missão de ajudar outras pessoas pelo mundo! Ele ainda tentou beijar-lhe os pés, porém ela se foi envolta em luzes.

O monge cumpriu as determinações da Virgem, mais uma vez sendo lembradas as benesses da confissão. O confessor lhe diz que, por meio dele e do que aconteceu, toda a instituição fora honrada.

A partir deste ponto, nas quatro estrofes finais do poema, Berceo conta como o culto à Virgem se estendeu a toda sociedade. Faz também defesa das vantagens, neste mundo e no próximo, de se devotar a ela obedientemente. Transforma a devoção do monge, e sua nova conduta, em veículo de expansão da crença cristã e dos benefícios que esta traz a todos.

Como podemos ver nessa breve síntese, o poema *El Monje Borracho* possui

uma estrutura bem definida e recorre a uma série de construções simbólicas e arquetípicas, mais uma vez se fazendo presente o caráter pedagógico.

Outros milagres narrados por Berceo trazem as personagens como figuras retóricas. Contudo, este em especial possui uma variedade maior de simbolismos, devido ao desenrolar da própria estrutura de composição, por não nomear as personagens humanas, pelas muitas formas e poderes do Diabo e pelos detalhes na descrição da figura da Virgem.

Seja dentro da teologia, filosofia ou arte medievais, o símbolo não significava necessariamente uma pessoa física ou coisa em si, ao contrário, remetia a uma entidade abstrata, ideia, noção ou conceito. A ambivalência e a polissemia eram correntes, muitas vezes levando a contradições quando um estudo de simbologia é feito de forma mais generalizada. Por isso, ater-se-á aqui aos significados dentro do conjunto textual, no qual o signo está inserido, evitando este risco.<sup>18</sup>

Uma das formas mais comuns de se construir a relação entre signo e significado era por analogia. Este método trata de buscar o significado oculto existente entre duas coisas, graças a uma semelhança mais ou menos vaga, que faz com que uma delas simbolize algo além do que é ou aparenta. As coisas análogas não precisam ser da mesma ordem, por exemplo, a exegese medieval buscava as analogias existentes entre este mundo e o além. Berceo se vale das analogias ao transformar o Diabo em animais ou adjetivá-lo, embora, como dissemos antes, o fato de neste texto o touro, o cão e o leão serem demonizados, não quer dizer que esta fosse sempre sua atribuição.

Outras formas de simbolismo eram o desvio e a “parte pelo todo”. A primeira era uma forma de prender a atenção do público, apontado um signo que simbolizasse alguma coisa diferente ou oposta do significado largamente mais conhecido, neste caso, o monge bêbado e luxurioso, em vez do modelo de conduta espiritual cristã. E a segunda, toma um exemplar de uma determinada categoria para classificar todo o grupo, logo o “homem bom”, para quem o monge se confessa, faz de todos os confessores “homens bons”.

Passando aos pontos destacados no texto, a jornada do monge bêbado, que saiu de uma adega, lugar de coisas mundanas, até a capela do mosteiro, local espiritual, pode ser compreendida como uma analogia da vida cristã, de modo geral

---

<sup>18</sup> Para mais detalhes ver SÍMBOLO. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru: EDUSC, 2006. v.2, p.495.

e particular. Assim, de acordo com a cultura cristã medieval, quando Adão pecou no Paraíso, perdeu seu estado de retidão devido ao Pecado Original, mas com a Encarnação e a crucificação de Cristo, a humanidade saiu de um estado de alijamento de Deus, no qual estava subjugada pelo Diabo, sendo redimida pela misericórdia divina. O mesmo ocorre com o monge, que em estado de pecado, fica à mercê do Diabo. Porém, quanto mais se aproximava da igreja, arrependia-se progressivamente frente aos castigos que sofria, alcançando a salvação pela misericordiosa Maria, mais poderosa do que qualquer ameaça que lhe pudesse acometer, bem como pela confissão e pela mudança de conduta.

O vinho não era símbolo de problema em si mesmo. Era artigo fundamental da alimentação cristã medieval junto ao pão, estando incluso na dieta de todas as camadas sociais. Seu consumo era intenso, a quantidade variando de acordo com o poder econômico de cada grupo social. Estava presente em todas as refeições, sendo bebido diluído em água, pois era corrente o medo de que esta pudesse estar contaminada. Muitas vezes, os gastos com o vinho eram maiores do que com outros itens da dieta, como as carnes, por exemplo. O vinho ainda podia ser usado como moeda de troca, medicamento e esmola oferecida às instituições religiosas.<sup>19</sup> Além disso, o vinho estava presente na missa durante a Eucaristia.

Figurando nas Escrituras, sendo apreciado pelo próprio Jesus, o problema do vinho era seu consumo exagerado. A embriaguez era associada no imaginário medieval ao aumento da libido, portanto, aos pecados carnis, o que podia levar a atos considerados da pior espécie. Como, por exemplo, no episódio bíblico de Ló, que se deitou com suas filhas. No caso do monge do relato, ele incorrera em dois Pecados Capitais, isto é, a gula e a luxúria, além de ter quebrado os votos de castidade, ascetismo e disciplina monástica, que fez ao aderir à regra de vida beneditina.

Como Berceo ressalta, somente depois de estar ligeiramente recuperado da bebedeira é que o monge conseguiu retomar suas atividades rotineiras, agindo outra vez condizentemente com as normas monásticas. Voltou à clausura e fez questão de ir até a igreja. A embriaguez simbolizaria no milagre, portanto, a perda da noção de ordem civilizada causada pelos vícios e paixões mundanas, que poderia

---

<sup>19</sup> Mais sobre o vinho na idade média em FAUVE, María Estela González de; FORTEZA, Patricia de. Del beber con moderación: Usos y aplicaciones del vino según los tratados médicos de la España bajomedieval y de la temprana modernidad. **Historia, instituciones, documentos**, nº 32, p.175-192, 2005.

submeter o homem à esfera de poder diabólica.

Como para o poeta, o homem peca por livre-arbítrio e somente depois de pecar o Diabo pode lhe fazer algum mal, a passagem da fonte latina que diz que o monge foi levado a beber em demasia pelo Demônio foi removida (DE LA RED e DE LA RED, 2000). O pecado seria um ato limite. Antes dele o homem se conserva sob a graça divina, depois dele fica vulnerável às artimanhas do Diabo.

Traidor falso e provado, calculista, incorrigível e personificação do Pecado, o Satã berceano poderia ser considerado uma mera figura retórico-discursiva, que representaria as tentações da vida no século e as consequências dos pecados dos homens, não fossem as descrições que o autor faz das suas capacidades físicas. Certamente, esta é uma faceta fundamental do papel desempenhado pelo Diabo no conjunto da obra berceana e na teologia cristã. Todavia, no milagre de número XX, estes adjetivos aparecem somente com o intuito de ressaltar suas características vis, ficando mais destacado seu papel de Carrasco dos pecadores do que o de Tentador. Sobretudo pela clareza de sua capacidade de intervir fisicamente no mundo e de se metamorfosear.

A polimorfia é uma das características do Diabo mais discutidas pelos historiadores, sejam os que o estudam de forma mais geral ou na poesia de Berceo. Costumeiramente é associada à possibilidade de Satã se disfarçar para enganar mais facilmente suas vítimas (como no milagre VIII). Ela também permite deixar em aberto o rol de formas e empregos do Demônio em uma obra de arte ou discurso ideológico, por exemplo, associando-lhe a grupos marginalizados. A polimorfia satânica não deixa de ser explorada nos Mil, mas, no caso do monge bêbado, ela serve para o Diabo assumir formas físicas cada vez mais poderosas e perigosas para o religioso.

A primeira delas é a de touro. Com ela Satã ataca o monge com um golpe certo, mas é toureado pela Virgem e acaba por sofrer os efeitos do que intentava. É preciso diferenciar o touro do boi, animal de tração importante para agricultura do período, de conotações positivas, sendo associado ao evangelista Lucas. O touro, por outro lado, era desde a Antiguidade associado aos deuses pagãos na Bíblia. No poema, ele simboliza a violência, uma força irresistível, arrebatadora. O destaque dado aos chifres deve-se a estes serem um emblema de poder, item integrante de muitas representações do Diabo.

O animal também pode corporificar uma força psíquica de difícil controle,

como uma pulsão ou vício (alcoolismo), sendo o motivo da tourada também interpretável como uma forma de matar ou controlar um instinto. Nesse sentido, Satã seria uma força regressiva, que deveria ser sublimada pela vida civilizada. Esta encontraria sua representatividade na Virgem e suas vestes detalhadas (ela toureia o Demônio coma a saia), contrastando sua altivez espiritual com a nudez bestial de Satã. As vestes também podem traduzir a natureza de quem as envergava, por isso elas são ricamente ornadas.

Já o cão está ligado ao mundo do pós vida em muitas culturas pré-cristãs, figurando ora como psicopompo, ora como guardião do lugar de repouso dos mortos. Daí sua associação com o Inferno e com o Diabo. Às vezes, o cão era lembrado por sua fidelidade e subserviência, mas sua indignidade, por se alimentar de restos ou até de cadáveres, fazia de seu nome xingamento para figuras desprezíveis. É, sobretudo, neste sentido que ele é associado a Satã por Berceo. Mas, o cachorro também retrata uma ferocidade e ira irracionais, mais ainda na avidez da fome deste animal. Assim, o Diabo parece se comportar no ímpeto de prejudicar o monge. As dentadas, que são um castigo físico, são signos de uma perigosa agressão dos instintos ao espírito, coadunando-se com as conotações do touro.

O leão também é outra figura ambígua. Sua ideia é a da majestade e soberania, embora esta possa degenerar-se em soberba tirânica. Respectivamente, portanto, ele pode simbolizar tanto Jesus quanto Satã. As referências bíblicas ao leão só reforçam esta ambivalência, já que, por exemplo, ele é tanto empregado positivamente na expressão “Leão de Judá”, como negativamente no episódio de Daniel. A associação de Cristo com o rei dos animais ecoava no imaginário medieval, que dizia que esta fera ressuscitava seus filhotes natimortos após três dias. O evangelista Marcos e os bispos usavam o leão como insígnia. Mas no início da era cristã, ele também era a besta que devorava os mártires.

Por todos estes motivos, Berceo o considerava “besta provada”, ideal para a encarnação de Satã, senhor do Inferno e de legiões de demônios, um déspota dominador ávido para conquistar a alma do monge. Logo, o leão reúne as características do touro e do cão na potência máxima das forças do Diabo.

Mas a Virgem, novamente, e agora literalmente, esmaga seus esforços com pauladas, humilhando-o e, inclusive, ferindo-o de tal maneira que a mensagem passada é que, frente às forças divinas, mesmo um inimigo tão poderoso como o

Diabo não passa de motivo de galhofa.

Ela ainda engendra em si, devido à sua virgindade, a pureza necessária para ser o elo entre o mundano e o divino, por isso se orgulha em revelar sua identidade como a mãe de Jesus. Dessa forma, ela pode ser comparada à Igreja, tendo em vista que é esta instituição que monopoliza a intermediação entre os homens e Deus. Semelhante também é a missão que se arroga, salvar as almas dos homens onde for necessário, ou seja, em todo e qualquer lugar. Se tal comparação nem sempre é possível, todavia, neste milagre o autor insiste na afirmação de que a Igreja é o único meio de se colher as benesses da boa conduta social e do cumprimento da fé cristã. São dedicadas 17 das 38 estrofes para reiterar a humildade devocional à Virgem, as normas de controle social da Igreja (confissão, por exemplo) e a melhorias ocorridas a toda a sociedade por se entregar ao culto mariano e suas normas comportamentais.<sup>20</sup>

Para além das conotações artísticas e teológicas, a obra de Berceo se relaciona diretamente com o momento histórico de sua concepção. A moral do clero – e também sua faceta mais rígida, a moral monástica – um dos pontos centrais da narrativa, estava desacreditada pela sociedade em geral, devido à ostentação da riqueza dos mosteiros e a exemplos de má conduta. A função dos sacerdotes, como pregadores que levavam os ensinamentos cristãos às pessoas, e dos monges, como “médicos das almas”, responsáveis pelas orações que deveriam salvar a todos os membros da sociedade, ficava enfraquecida, abrindo espaço para tentativas alternativas de salvação.

Nos séculos XII e XIII, surgem movimentos reformadores ou contestadores da situação do clero secular e monástico. De forma geral, enfatizavam a pregação e a vida baseada no exemplo dos apóstolos. Individual ou coletivamente, originavam-se de dentro da Igreja, com o aumento do eremitismo ou nascimento das ordens mendicantes, franciscana e dominicana, ou de fora, através de iniciativas laicas como as heresias dos cátaros e valdenses.

Por isso, um discurso de ampla veiculação, que enaltecesse os monges e as instituições monásticas, cumpria dois papéis. Um deles, já mencionado, era fazer propaganda de uma determinada instituição. O outro seria responder às severas

---

<sup>20</sup> Quando não citado nada em contrário, usei como referência para a interpretação dos simbolismos, CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

críticas que as novas formas de religiosidade do século XIII faziam às instituições monacais.

Lembramos também que a pregação, antes do século XIII, era exclusividade do clero secular, do qual Berceo fazia parte, e que o conjunto de sua obra pode ser pensado como uma resposta à permissão de pregar que as ordens mendicantes receberam de Roma.

No milagre XXV – *El Milagro de Teófilo*, Gonzalo conta a sua versão da lenda de Teófilo, célebre por abordar a temática do pacto com o Diabo, que mais tarde é consagrada em *Fausto*, por Goethe.

Teófilo, embora não fosse um homem de grande destaque social, também não era um mero subalterno. Provavelmente, gozava de certo prestígio tanto pela sua conduta, como quer o autor, e, sobretudo, pela especificidade do seu cargo. O vigário era aquele que substituía o bispo em sua ausência, ou seja, figura muito próxima do maior poder eclesiástico local, com a qual era extremamente positivo manter boas relações. Com a morte do Bispo, Teófilo declinou da indicação para ficar em seu lugar. Logo, outro Bispo foi eleito e, por sua vez, nomeou outro vigário, que acabou alcançando um prestígio maior que o de Teófilo.

Tomado pela inveja, ele procurou os serviços de um judeu, caracterizado por Berceo como vassalo do Diabo, feiticeiro e assassino de almas, além de outros adjetivos sobre seu caráter traiçoeiro. À noite, o judeu o levou até uma encruzilhada para que ali se encontrasse com o Diabo e seu séquito real. Teófilo expôs seus desejos a Satã, que exigiu que ele negasse a Cristo e Maria. Berceo retrata um Diabo soberano, que entendia que estes eram os suseranos de Teófilo. Não sendo de 'buen derecho' que um vassalo alheio buscasse seus favores. Satã argumentou que, somente renegando seus suseranos Teófilo poderia ter seu pedido atendido. Feito isso, tudo o mais foi oficializado com a assinatura de um contrato de vassalagem. Através dele, Teófilo se tornou vassalo do Diabo, recebendo como “feudo” o prestígio que possuía anteriormente.

Porém, imediatamente apareceram os efeitos colaterais do acordo. Ele perdeu sua sombra e se tornou macilento como se não tivesse mais vida, sinais corpóreos, imputados por Deus, do estado de sua alma perdida. Até que, mesmo sendo mais querido do que antes pela população, começou a sentir o castigo divino em forma de fortes dores. Ele percebeu a dimensão do que havia feito e se arrependeu.



Então, passou por um longo período de penitência, ao final do qual foi atendido pela Virgem Maria. Esta inicialmente se recusou a ajudá-lo, alegando que ele renegara a ela e a Jesus. Enojada, Maria referiu-se a ele como se fosse uma criatura muito vil. Porém, depois que Teófilo repetiu várias vezes seu arrependimento e que, um pedido da Virgem, nem mesmo Jesus negaria, ela aceitou redimi-lo. Não obstante, antes ele devia voltar a ser vassalo de seus antigos senhores e, para confirmar sua fidelidade, ele professou todos os dogmas da ortodoxia do culto romano. Contudo, a Virgem afirmou que o contrato estava no Inferno e somente Jesus poderia descer até lá para reavê-lo, mesmo assim isso não seria tarefa fácil. Passados mais três dias de penitência, ela reapareceu e entregou o contrato a Teófilo.

Teófilo, muito feliz, correu até a missa onde estavam reunidos todos os habitantes do lugar e se confessou publicamente. Primeiro, chocando a assistência, depois pedindo e recebendo o seu perdão e, por fim, sendo alçado por ela ao estado de homem santo devido as suas aventuras. Toda a população foi tomada por um surto de culto a Virgem, louvando e entoando cantos. Três dias depois Teófilo faleceu, mas foi considerado santo pela população. Berceo conclui o poema com uma afirmação da autoridade e autenticidade do relato e com um breve louvor à Virgem.

Primeiramente, é interessante notar como o poema também segue a estrutura de cinco etapas narrativas com todo seu teor didático. No caso de Teófilo, sua posição de vigário era satisfatória, não fosse sua soberba (por se regozijar com o tratamento que recebia) ou falsa modéstia (negando sua eleição para bispo). Mais tarde, quando já existe outro vigário, ele também incorre no pecado da inveja. Ambos, a soberba e a inveja, são Pecados Capitais. Ambos também vão de encontro às virtudes monásticas beneditinas de humildade. Isso fez com que ocorresse uma abertura para o contato com o Diabo via o intermediário judeu, que foi procurado pelo próprio Teófilo. Depois de vender sua alma, ele ficou tão alijado de Deus, que mesmo a Virgem, famosa por socorrer a todos os pecadores, ficou relutante em ajudá-lo. Logo depois, ele se redimiou através da penitência e sua recuperação proporcionou a intensificação do culto mariano.

Pode se perceber que toda a narrativa é construída em cima de arquétipos. Teófilo significa “Amigo de Deus”, tratando-se obviamente, por mais que o autor negue, de uma personagem fictícia. A exceção de Maria e do Diabo, todos os outros

personagens do poema (bispos, o outro vigário, o judeu) designam mais funções do que personagens específicas. Berceo em todo o conjunto da obra não expõe figuras de liderança, como os bispos, fazendo deles pecadores. O outro vigário não passa de uma personagem sem importância para a narração. Ao contrário do judeu.

Nesse milagre, podemos dizer que o judeu desempenhou o papel principal na danação de Teófilo. Foi ele quem enganou e induziu Teófilo ao pacto. Entretanto, o Diabo ainda era a fonte superior do mal, e todas as características que o judeu possuía são emprestadas dele. O judeu, guiado por Belzebu, conhecia todas as perfídias, fazia encantamentos e malefícios,<sup>21</sup> dava maus conselhos assassinando almas, fazia adivinhações e era tido como profeta. Porém, o judeu se empenhava em fazer um mal ainda maior do que o Diabo lhe ordenava, mostrando toda sua vilania. Berceo enfatiza isso no poema, afirmando: “como era basallo de mucho mal señor / si él mal lo mandava, él faziolo peor”. Mas por que Berceo chega a este ponto na sua demonização dos judeus?

A resposta seria insuficiente se levasse em conta somente o aspecto religioso. Os judeus eram vistos como infiéis ou pior. Para além das acusações exageradas de feitiçarias e perversões de rituais cristãos, eles eram vistos como um povo irremediavelmente excluído da sociedade, porque se recusavam a fazer parte da *Cristandade*. Contudo, eram necessários pelas atividades comerciais, bancárias e usurárias que desenvolviam, sendo muitas vezes protegidos por reis, bispos ou outros poderes locais que se beneficiavam com os impostos cobrados sobre essas atividades.<sup>22</sup> Por esse motivo que serão considerados aqui como marginalizados. É muito provável que, mesmo não fazendo uma crítica a esses poderes, Berceo visse no tratamento dispensado aos judeus e na sua presença maciça na península ibérica, algo de nocivo para a sociedade.

Mesmo o cumprimento dessas atividades indignas para os cristãos não costumava ser o bastante para garantir a boa convivência entre estes e os judeus. Usualmente, fatores econômicos ou as divergências culturais entre os dois grupos faziam que as próprias autoridades que haviam oferecido segurança e sustento aos judeus, expulsassem-nos e confiscassem seus bens.

A necessidade de um grupo marginalizado que desempenhasse as atividades

---

<sup>21</sup> Berceo usa as “feitiçarias”, que em termos mais gerais podem ser vistas como superstições, resquícios do paganismo ou sincretismos oriundos do contato com outras crenças (Cf. SCHMITT, Jean-Claude. **História das Superstições**. Lisboa: Europa-América, 1997).

<sup>22</sup> EBAN, Abba. **A História do Povo de Israel**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1982.

comerciais e monetárias diminuiu ao longo da Idade Média Central até desaparecer no início da Modernidade. Nos séculos XII e XIII, a revitalização comercial e o aumento da urbanização no Ocidente Medieval, fez com que o comércio voltasse a ser um setor fundamental da economia, obrigando a Igreja a repensar suas normas de condenação dessas atividades, deixando de considerá-las um pecado tão grave. Nesses mesmos séculos, a ortodoxia cristã criou e consolidou o Purgatório, lugar sobrenatural para onde as almas dos pecadores vão para expiar pecados menores. Logo, a burguesia nascente que despenharia essas atividades vê-se livre do medo de não obter a Salvação, passando a ver nos judeus, não só um povo apartado da Cristandade, mas também um forte concorrente econômico.<sup>23</sup>

Tanto as condições do povo judaico ao longo de toda a Idade Média, quanto as transformações sociais e religiosas dos séculos XII e XIII, reforçam uma tradição ibérica de restrição de contatos e associações entre judeus e cristãos que remonta ao período visigótico. Assim, na condenação aos judeus, Berceo incorpora essa tradição, valendo-se de uma série de *topoi* para relacionar o Judeu a Satanás. As acusações de práticas de feitiçarias, malefícios e adivinhação (que de forma alguma são componentes do judaísmo) somadas, principalmente, ao caráter malévolo e traiçoeiro unem judeus e o Diabo. Assim, Berceo formula um discurso que une uma minoria que, devido à própria lógica do sistema cristão, fica apartada e associada às práticas condenadas (comércio e usura), com uma representação ontológica do mal.

Mas, para entender o tratamento que Berceo confere aos judeus é preciso olhar, ainda que rapidamente, para outros dois milagres o XVI – *El niño judío* e o XVIII – *Los Judíos de Toledo*.

No milagre XVI, é narrada a história de um menino judeu que enquanto voltava da escola, brincando com seus colegas, acabou por assistir uma missa de Páscoa,<sup>24</sup> apesar de advertido de que não integrava o corpo social cristão. Na missa, ele comungou junto com os fiéis cristãos e acabou por ficar fascinado por uma imagem de mulher, que apesar da tentativa de suspense, Gonzalo deixa claro que é a da Virgem. Quando voltou para casa o menino contou o ocorrido para o pai, que tomado por tamanha fúria, atirou-o a um forno. O pai do menino tomou uma atitude drástica, mas desde antes de concretizar seu crime já é retratado como

---

<sup>23</sup> LE GOFF, Jacques. **O Nascimento do Purgatório**. Lisboa: Estampa, 1981.

<sup>24</sup> Festa comum, com datas mais ou menos próximas, na qual a fé judaica era mais evidente, logo reprimi-la era mais necessário para o clero cristão.

“*adiablado*” e pecador. Berceo joga com a audiência incitando nela o ódio contra o mau judeu, indagando, e repetindo várias vezes, que tipo de pai atiraria o próprio filho a um forno?

O menino conseguiu sair incólume do forno, causando grande espanto à multidão de cristãos e judeus que, atraída pelos gritos da mãe do menino, juntou-se para ver o que se passava. A criança então descreveu a imagem que viu na igreja para contar quem o salvara do fogo. Com isso, o pai do garoto foi preso e sentenciado a morte no mesmo forno que tentou matar o filho. Berceo termina a narrativa resumindo as questões referentes a judeus e cristãos nessa Páscoa fatídica a um discurso sobre bem contra o mal, no qual a Virgem é aquela que distribui a recompensa dos bons e pune os maus. Note-se que o pecador desse milagre é o pai e não o menino. O menino nada mais é do que algo entre um garoto judeu ingênuo ou um cristão novo devido a sua comunhão. O pai foi o pecador, seu crime foi o homicídio. Sua “pena”, por se irritar com o filho que não compreendia as diferenças religiosas entre judeus e cristãos, além da morte, foi proporcionar aos pregadores cristãos uma história na qual a fé judaica é irremediavelmente considerada danosa.

No caso do milagre XVIII, a história é mais direta e difícil de digerir. Supostamente durante uma missa para celebrar uma data mariana, uma voz foi ouvida dos Céus queixando-se do crime judeu de ter crucificado Cristo, o que causou grandes dores a sua Mãe. A voz acusa os judeus de Toledo, ao que tudo indica, bastante numerosos, de estarem causando novamente muitas dores à Maria. Logo, após deliberarem em conselho, os habitantes de Toledo partem para um ataque contra os judeus, matando ou prendendo aqueles que não conseguiram fugir. É interessante perceber que Berceo faz com que os cristãos primeiro se dirijam a um rabino para fazer suas acusações – deixando claro o entendimento que as diferenças são, sobretudo, religiosas – e que o crime dos judeus, além do bíblico, é o de terem nascido e estarem em Toledo (qualifica os judeus com o verso “*Los que mala nazieron, falssos e traïdores*”). Gonzalo não narra nenhum caso de crime específico como no milagre XVI. Exceto pela vaga menção ao reavivamento das dores que foram causadas à Maria pela Crucificação.

Voltando ao milagre XXV, é como um criminoso falso e traidor devido a motivos religiosos que o judeu é apresentado, ou seja, como sendo da mesma estirpe que Lúcifer. Todavia, ele é apenas um intermediário. O mal maior é o Diabo.

O Diabo, nesse poema, é um soberano: ele não age, ele delega funções. Jesus e a Virgem são caracterizados assim também. Porém, mais uma vez, Berceo deixa bem claro que o Diabo é uma potência submetida aos desígnios divinos. Por mais que seja custoso a Jesus descer até o Inferno para recuperar o contrato assinado por Teófilo, se ele assim o quiser, o Diabo não lhe poderia resistir. Quanto maior o mal, a perfídia do Diabo e seus agentes, maior o alijamento do homem de Deus, maior é o posterior crescimento do culto mariano, da Igreja e da submissão aos dogmas (confissão, penitência). O Diabo é o oponente a altura por excelência, mas nunca uma ameaça real.

Por fim, há mais uma recorrência da temática da moral clerical (com ênfase nas suas diretrizes monásticas), reforçando a análise de que esse assunto realmente era uma das prioridades para a Igreja centro-medieval.

Para Berceo, o social foi tão relevante que seria muito difícil compreender a conformação de sua representação de Satã sem olhar para as atitudes, ou para aqueles, que figuram em associação a ele nas narrativas dos Mil. O Satã de Berceo não é resultado de extenuantes exercícios de reflexão teológica. Ele é produto das finalidades subjacentes a configuração do texto hagiográfico em que ele desempenha seu papel, atendendo determinadas demandas sociais para as quais este tipo de literatura foi criado.

Dentro de um contexto histórico de perda de prestígio social e econômico das ordens religiosas monásticas, Maria era um apelo direto à devoção ligada às instituições cenobíticas de La Rioja, captando recursos necessários para a manutenção e glória dessas instituições. Satã era o antagonista sem o qual Maria não tem sentido narrativo. Ele se transformava em uma poderosa ferramenta didática e pedagógica de educação do clero regular monástico que, neste momento, sofria por toda a Europa, em maior ou menor grau, sérios questionamentos e críticas de parte laica da população.

O clero secular também passava pelo mesmo processo, ambos possuíam dificuldades de responder às críticas feitas a respeito de sua luxúria (desvios sexuais, ostentação de bens materiais, venda de indulgências ou outros favores religiosos). Com o intuito de educar e alertar os cristãos em geral e principalmente o clero, Gonzalo amplifica um conjunto de narrativas latinas anteriores que tem muito a dizer sobre como os bons (clérigos e leigos piedosos) podem ser recompensados pela obediência às normas da Igreja e que destino terrível os maus (clérigos e leigos

ímpios, judeus) podem sofrer.

Satã, como uma ameaça concreta para aqueles que se rendiam às práticas sociais que a Igreja condenava (e, muitas vezes, praticava também), era um instrumento de retórica valiosíssimo nas mãos de um hagiógrafo hábil. Graças ao seu poder de polimorfia, Lúcifer é sacado para as narrativas nas mais diferentes formas e apresentações, atendendo a qualquer que seja a necessidade do poeta.

O objetivo era condenar e expurgar somente os vícios e não as pessoas, daí o contraste de Satã com a figura maternal da Virgem. Se Satã tem que intimidar, ele também tem que ser derrotado, sempre deixando bem claro sua limitação. Berceo compreende isso claramente, e faz com que ele, mesmo ameaçador para o gênero humano, não seja páreo para a autoridade divina de Maria.

As práticas sociais desviantes que se encontram no interior dos Mil estão ligadas a transgressões dos pilares básicos das regras monásticas: a pobreza, a obediência, a humildade e a castidade.<sup>25</sup> Os Pecados Capitais que aparecem nos Mil, também se relacionam com essas virtudes prezadas pelo monasticismo, sendo estes as faltas que se opõem a elas. Por exemplo, aparecem nas narrativas, luxuriosos (Geraldo), glutões (o Monge Bêbado), invejosos e gananciosos (Teófilo), etc. É recorrente o incentivo à moral monacal, sobretudo no que diz respeito à castidade (como nos milagres VIII e XX). Certamente, isso se deve à educação que Gonzalo recebeu no mosteiro de San Millán.

A formação universitária marcou bastante Berceo no momento da composição dos Mil. Proporcionou-lhe recursos técnicos e, muito provavelmente, a fusão da obediência monástica (que advoga) com os estudos que fez em Palência, fizeram com que ele não se distanciasse da ortodoxia em nenhum momento de sua obra.

Quanto ao retrato que faz dos marginalizados, Berceo procede da mesma maneira. Como na Idade Média o corpo político não é desassociado do corpo religioso, para Berceo existem duas formas de estar à parte do corpo político, ou seja, ser um marginal: pecar ou nascer um pecador.

No primeiro caso, se atentarmos para o esquema narrativo dos milagres, a personagem humana pecadora sempre fica completamente alijada de Deus em determinado ponto da história, ou seja, marginalizada. Por exemplo, no caso de Teófilo ele chega a perder a sombra como sinal de não pertencimento ao corpo

---

<sup>25</sup> BERLIOZ, Jacques et al. **Monges e religiosos na Idade Média**. Lisboa: Terramar, 1996.

social! Aliás, poderíamos dizer que este é o caso mais emblemático que Berceo apresenta. Teófilo rompe e assina contratos de pertencimento social durante a narrativa.

O segundo caso se refere mais especificamente aos judeus. Todavia, ambos os casos não são irremediáveis, bastando o pecador demonstrar sua fé, amor e obediência à Virgem. Até o menino judeu pôde se salvar por estar fascinado pela Virgem e ter aceitado o sacramento da comunhão, o que simboliza certa integração sua com a comunidade cristã, apesar de não ter sido batizado.

Existem duas formas de cair em pecado e se alijar da sociedade, mas só uma para se redimir: seguir a Virgem Maria. Ou seria a Igreja? Mesmo que se deixe de lado as formulações teológicas de associação entre a Igreja e Maria, o que se encontra nas atitudes e falas da Virgem nos milagres são ordens e ações totalmente submetidas aos padrões ortodoxos.

Dessa forma, Diabo e marginais são aproximados pelo espaço que ocupam em relação à sociedade político-espiritual, ou seja, o lado de fora, do indesejado, do subversivo, daquele que vai contra os padrões. Não à toa, o Diabo só age sobre aqueles que já estão em pecado. Como Berceo reafirma ao final de cada narrativa, aqueles que se encontram alinhados aos valores sociais (ou morais) que a Igreja pregava não deveriam temer nada que pudesse ser proveniente de Satã. Então, a relação de Lúcifer com os marginais é um reforçador da condição de afastamento social destes, servindo de legitimação para as atitudes excludentes, repressivas e violentas tomadas contra eles? Sim, com certeza.

Contudo, mais do que isso, a própria condição de marginalidade já era o suficiente para a associação com Satã. Se uma pessoa não escolheu entrar nela, pode pelo menos escolher sair. E escapar dessa condição requer a obediência aos dogmas e determinações da Igreja, personificados em Maria e, é justamente essa a chave para a compreensão do relacionamento entre os marginais, o Diabo e a Virgem presente nos *Milagros de Nuestra Señora*. O controle social é realizado nesses poemas através de um reforço positivo, uma oferta, exemplificada nas narrativas, para sair do perigoso território de atuação de Satã e ir para o do seguro – e pleno de recompensas – campo de atuação da Igreja.

## Bibliografia

Textos Medievais Impressos:

- CARRERA DE LA RED, Avelina e CARRERA DE LA RED, Maria de Fátima. **Miracula Beate Marie Virginis (Ms. THOT 128 de Copenhague): uma fonte paralela a los Milagros de Nuestra Señora de Gonzalo de Berceo**. Logroño: Gobierno de La Rioja, Instituto de Estudios Riojanos, 2000. (Colección Centro de Estudios Gonzalo de Berceo, nº 19.) Disponível em: <http://www.vallenajerilla.com/berceo/carreradelared/milagroshot128.htm>. Acesso em: 13 dez. 2009.
- GONZALO DE BERCEO. **Los milagros de Nuestra Señora**. Edición y notas de Jorge Garza Castillo; prólogo y presentación de Francesc L. Cardona. Barcelona: Edicomunicación, 1997.
- \_\_\_\_\_. Los Milagros de Nuestra Señora. Prólogo y notas por Claudio García Turza. In: \_\_\_\_\_. **Obra Completa**. Coordinado por I. Úria Maqua. Madrid: Espasa-Calpe, 1982. p. 553-795.
- \_\_\_\_\_. **Milagros de Nuestra Señora**. Texto íntegro en versión de Daniel Devoto. Madrid: Castalia, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Milagros de Nuestra Señora**. Edición de Michael Gerli. 13ª ed. Madrid: Cátedra, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Obras Completas de Gonzalo de Berceo**. Ed. Jorge García López y Carlos Clavería. Madrid: Fundación José Antonio de Castro, 2003.

#### Textos Historiográficos

- ABAD LEÓN, Felipe. Los monasterios riojanos. In: PRADO, Justiniano García (coord.). **Historia de La Rioja: Edad media**. Logroño: Gobierno de la Rioja, Instituto de Estudios Riojanos, 1982. p.222-235.
- BASCHET, Jérôme. **A civilização Feudal: do ano 1000 à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006
- BAEYENS DE ARCE, Alberto. El mortal Enemigo: el Diablo en la obra de Gonzalo de Berceo. **Memorabilia: Boletín de Literatura Sapiencial**, València, Número 6, 2002.
- BERLIOZ, Jacques et all. **Monges e religiosos na Idade Média**. Lisboa: Terramar, 1996.
- BOLTON, Brenda. **A Reforma na Idade Média**. Lisboa: Edições 70, 1993.
- CACHO BLECUA, J. M. **Genero y composición de lo "Milagros de Nuestra Señora" de Gonzalo de Berceo**. Disponível em: <http://www.vallenajerilla.com/berceo/cachoblecua/generoycomposicionmilagrosberceo.htm> . Acesso em: 23 mar. 2010.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 2002.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- DUTTON, Brian. The Chronology of the Works of Gonzalo de Berceo. In: HAMILTON, Rita. **Medieval Hispanic Studies Presented to Rita Hamilton**. London: Tamesis, 1976. p. 67-76.
- EBAN, Abba. **A História do Povo de Israel**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1982.
- FAUVE, María Estela González de; FORTEZA, Patricia de. Del beber con moderación: Usos y aplicaciones del vino según los tratados médicos de la España bajomedieval y de la temprana modernidad. **Historia, instituciones, documentos**, nº 32, p.175-192, 2005.
- FIDALGO LARRAGA, Raquel. El diablo en los Milagros de Berceo. **Memorabilia:**



**Boletín de Literatura Sapiencial**, n. 6, 2002.

GARCÍA TURZA, Javier (coord.). **El Camino de Santiago y la Sociedad Medieval**. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 2000.

GARCÍA Y GARCÍA, Antonio. **Historia del Concilio IV Lateranense de 1215**. Salamanca: Centro de Estudios Orientales y Ecuménicos Juan XXIII, 2005.

KELLY, Henry Ansgar. **Satã – uma Biografia**. São Paulo: Globo, 2008.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1984. 2 v.

\_\_\_\_\_. **O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente Medieval**. Lisboa: Edições 70, 1985.

\_\_\_\_\_. **O Nascimento do Purgatório**. Lisboa: Estampa, 1981.

\_\_\_\_\_. **Os intelectuais na Idade Média**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LINK, Luther. **O Diabo. A máscara sem rosto**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_; SCHMITT, Jean-Claude (coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru: EDUSC, 2006. 2 v.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua española**. Vigésima segunda edición. Disponível em: <http://www.rae.es/rae.html>. Acesso em: 11 dez. 2009.

RICO MANSILLA, Agustín. **En torno a Gonzalo de Berceo: Los "milagros de Nuestra Señora" y el culto a la Virgen, 2004**. Disponível em: <http://www.vallenajerilla.com/berceo/arm/ricomansilla.htm>. Acesso em: 03 dez. 2010.

RODRÍGUEZ HERNÁNDEZ, Juan Pedro. El Diablo en “Los Milagros de Nuestra Señora” de Gonzalo de Berceo. **Espacio, Tiempo y Forma**, Serie III, t. 17, p.519-532, 2004.

RUCQUOI, Adeline. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Estampa, 1995.

RUIZ DOMÍNGUEZ, Juan Antonio. **El mundo espiritual de Gonzalo de Berceo**. Logroño: Gobierno de la Rioja, Instituto de Estudios Riojanos, 1999. (Colección Centro de Estudios Gonzalo de Berceo: 17).

RUSSELL, Jeffrey Burton. **Lúcifer: o Diabo na Idade Média**. São Paulo: Madras, 2003.

SCHMITT, Jean-Claude. **História das Superstições**. Lisboa: Europa-América, 1997.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. (Coord.). **Banco de dados das hagiografias ibéricas. (Séculos XI ao XIII)**. Rio de Janeiro: PEM, 2009, Coleção Hagiografia e História, v. 1. Disponível em: <http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/hh1.pdf> . Acesso em: 22 mar. 2010

\_\_\_\_\_. Hagiografia e poder nas sociedades Ibéricas medievais. **Revista de Ciências Humanas**, n.10, p. 135-172, 2001.

\_\_\_\_\_. **La Trayectoria Intelectual de Gonzalo de Berceo**. Disponível em: [http://www.vallenajerilla.com/notabene/indice\\_andreia.htm](http://www.vallenajerilla.com/notabene/indice_andreia.htm). Acesso em: 06 dez. 2010.

\_\_\_\_\_. O IV Concílio de Latrão: heresia, disciplina e exclusão. In: \_\_\_\_\_; ROEDEL, Leila Rodrigues. **Semana de Estudos Medievais**, 3, Rio de Janeiro, 25 a 28 de abril de 1995. **Anais...** Rio de Janeiro: PEM - UFRJ, 1995. p.95 -101.

STANFORD, Peter. **O Diabo – Uma Biografia**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.

VERGER, Jacques. **As Universidades na Idade Média**. São Paulo: UNESP, 1990.

\_\_\_\_\_. **Homens e Saber na Idade Média**. São Paulo: EDUSC, 1999.

VILÁ PALÁ, Claudio. Estudio Mariológico de los Milagros de Nuestra Señora de Berceo. **Berceo**, n. 28, p.343-360, 1953.